

FH e Maciel ficam longe do debate

HÉLIO DOYLE

BRASÍLIA – No Palácio do Planalto, o debate sobre as eleições de 2002 não entra. Pelo menos oficialmente. “Eu só vou falar em sucessão a partir de janeiro de 2002”, disse o presidente Fernando Henrique Cardoso. “Ainda não é tempo de sucessão”, declarou o vice-presidente Marco Maciel, que considera o debate sobre o tema “precipitado e inconseqüente”. É natural que ambos pensem assim, pois ainda faltam dois anos de governo e nada pior para um governante do que ver sua gestão esvaziada pela discussão sobre quem vai ficar no seu lugar.

É a paralisação do governo, quando, como se diz no folclore político, nem o cafezinho é mais servido no gabinete. E, quando é, vem frio.

Fernando Henrique e Marco Maciel corporificam no Planalto a aliança PSDB-PFL, que venceu as eleições de 1994 e 1998 e, pensava-se, iria se repetir em 2002. Hoje, dois anos antes das eleições para presidente, ninguém pode afirmar com certeza que isso acontecerá. A postura de ambos, fria e aparentemente distante do embate pré-eleitoral que já se trava, é inevitável, tendo em vista as funções que ocupam – e o fato de que eles têm de se preservar, pois no momento certo exercerão os papéis de-

cisivos para resolver os impasses que estarão assolando o bloco do poder.

“Fernando Henrique é o grande eleitor da base aliada”, disse um tucano de peso. O presidente, na intimidade dos correligionários, é chamado de “tucanão-mor”, o tucanão dos tucanões – um grupo de cardeais do PSDB que dá as cartas no partido, embora tenha sido desafiado pelo movimento da direção partidária e das bases parlamentares que levou a candidatura do deputado Aécio Neves à presidência da Câmara.

Entre os tucanões estão, além de Fernando Henrique, os governadores Mário Covas e Tasso Jereissatti, os ministros José Serra, Paulo Renato e Pi-

menta da Veiga, o senador Teotônio Vilela e o sem-mandato Euclides Scalco. Tasso, Serra, Paulo Renato e Pimenta são candidatos a candidato, com muito mais chances para os dois primeiros. Poucos duvidam, no PSDB e nos partidos aliados, que esse grupo, ampliado por mais uns poucos, é que escolherá qual deles se candidatará a suceder o tucanão-mor.

Já Maciel é o grande eleitor no PFL. Com o apoio de figuras importantes do partido, como o presidente Jorge Bornhausen, ele controla a maioria absoluta não-carlista do PFL. E é um firme defensor da manutenção da aliança que está hoje no poder.